



# ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses  
Volume 73

---

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE,  
TRANSIÇÃO E MUDANÇA

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**73**

Ano de Edição

**2022**

Ano Associativo AAP

**2021**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e Andrea Martins**

Design gráfico

**Flatland Design**

Fotografia da capa

**Inscrição paleocristã, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas)**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**300 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

- 5 Editorial  
José Morais Arnaud
- A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO E MUDANÇA**
- 9 Encontro Internacional: *A Península Ibérica entre os Séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*.  
Apresentação  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval  
António Manuel S. P. Silva, Manuel Luís Real
- 37 Contextos Tardios no teatro romano de Lisboa: reconversão de espaços monumentais  
Lídia Fernandes, Marco Calado, Carolina Grilo
- 47 Defensa de la muralla augustea de Emerita  
Miguel Alba
- 67 Troia e a ocupação tardo-antiga no baixo vale do Sado  
Ana Patrícia Magalhães
- 83 Da luz e das sombras. O caso da *villa* da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga  
André Carneiro
- 97 A cidade romana de Balsa – novas e velhas evidências do período final da cidade  
João Pedro Bernardes, Vítor Silva Dias
- 107 Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia  
Virgílio Lopes
- 121 O Castro S. João das Arribas. Novos dados para a longa história nas Arribas  
Mónica Salgado, Pedro Pereira, Susana Cosme
- 131 A ocupação tardo-antiga e alto-medieval no concelho de Santa Comba Dão (Viseu)  
Pedro Matos, Helena Catarino
- 143 *Olysipona*, entre o Império e o Islão  
Jacinta Bugalhão
- 157 El paisaje humano del territorio emeritense entre los siglos V al X  
Bruno Franco Moreno
- 169 O que nos dizem do século VIII (algumas fontes coevas)  
João António Ferreira Marques
- 177 Campesinos del entorno de Toledo en época emiral temprana (inicios s. VIII a mediados s. IX d.C.)  
Alfonso Vigil-Escalera Guirado
- 187 Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus  
Susana Gómez Martínez
- 207 A presença cristã antiga e os primeiros tempos islâmicos no Castelo de Silves  
Rosa Varela Gomes
- 221 Continuidad y cambio en la producción y consumo de la cultura material en Córdoba: siglos VII-X  
Elena Salinas

- 235 Reflexiones sobre el mundo rural mozárabe. Materialidad, rituales y hábitos del poblado y cementerio de Tózar, Granada  
Luca Mattei, Cristina Martínez Álvarez
- 245 Casa Branca, uma aldeia alto-medieval dos arredores de Évora  
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Telmo Pinheiro Silva
- 265 Os primeiros vidrados no Gharb al-Andalus no século IX-X: análises arqueométricas e interpretação histórica  
Elena Salinas, Carmen Iñiguez, M<sup>a</sup>. José Gonçalves, Susana Gómez

## **ARTIGOS**

- 275 Lisboa pelos olhos de Endovélico: o potencial de uma base de dados para o conhecimento das populações passadas  
Filipa Neto, Cristina Barroso Cruz
- 285 Instrumentos Cirúrgicos Romanos na Quinta de Crestelos (Meirinhos-Mogadouro)  
Luísa Batalha, Aaron Lackinger, Enrique Paniagua Vara, Sérgio Simões Pereira

## **COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR**

- 299 Apresentação – Colóquio de homenagem ao arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 303 Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior  
Ana Margarida Ferreira
- 307 Tavares Proença Júnior e a Covilhã – um trabalho por acabar...  
Carlos Manuel Dias Madaleno
- 315 Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho do Fundão. Inventários arqueológicos do Concelho do Fundão: de Francisco Tavares de Proença Júnior a 2016  
Joana Bizarro
- 323 Arqueologia do concelho de Penamacor. Do inventário de 1910 ao inventário de 2016  
Sara Ferro
- 331 Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte após Francisco Tavares Proença Júnior  
Elisabete Martins Robalo

## **RELATÓRIOS**

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2021  
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021. Plano de Actividades para o Ano 2022  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 355 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2021  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 359 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2021  
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 361 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3<sup>o</sup> milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2021  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# A PRESENÇA CRISTÃ ANTIGA E OS PRIMEIROS TEMPOS ISLÂMICOS NO CASTELO DE SILVES

---

Rosa Varela Gomes

Instituto de Arqueologia e Paleociências / História, Territórios e Comunidades – CFE NOVA. F.C.S.H. / rv.gomes@fcsh.unl.pt

## Resumo

O Castelo de Silves é o mais importante e melhor conservado dispositivo defensivo do *Gharb al-Andalus*. Intervenções arqueológicas que ali temos vindo a dirigir, ao longo de várias décadas, demonstraram a existência de testemunhos de pequeno templo cristão (séculos VI-VIII) que poderá ter sido contemporâneo de uma primeira fortificação islâmica, ou palácio-fortaleza, datada nos século VIII. Ulteriormente, nos séculos IX-X realizaram-se grandes campanhas de obras tendo em vista regularizar zona de encosta de modo a alargar a área edificada. Aquelas foram identificadas, em particular, nos sectores nascente e sul através de terraplenos e níveis de ocupação que entregaram estruturas e espólio diverso, com a cronologia acima referida, corroborada por datações de <sup>14</sup>C.

**Palavras-chave:** Silves, Arqueologia, Séculos VI-X, Arquitectura, Cerâmica.

## Abstract

Silves Castle is the most important and best-preserved defensive device in the *Gharb al-Andalus*. Archaeological interventions that we have been carrying out there, for several decades, have demonstrated the existence of testimonies of a small Christian temple (6<sup>th</sup>-8<sup>th</sup> centuries) that may have been still contemporary with an early Islamic fortification, or palace-fortress, dated in the 8<sup>th</sup> century. Subsequently, in the 9<sup>th</sup>-10<sup>th</sup> centuries, major construction campaigns were carried out having in view regularizing the hillside area in order to expand the built area. Those were identified, in particular, in the east and south sectors, through earthwork evidences, occupation levels, structures and diverse artefacts, with the aforementioned chronology, corroborated by <sup>14</sup>C datations.

**Keywords:** Silves, Archaeology, 6<sup>th</sup>-10<sup>th</sup> Centuries, Architecture, Ceramics.

## 1. INTRODUÇÃO

Muito embora tenhamos vindo a dirigir escavações arqueológicas no Castelo de Silves, há mais de três décadas, foi graças a projecto de musealização daquele Monumento Nacional, promovido pelo Município, no âmbito do Programa Silves Polis, com autoria dos arquitectos Mário Varela Gomes e Pedro Correia Costa, que tivemos oportunidade de efectuar o acompanhamento arqueológico da obra e intervencionar, entre 2003-2007, distintas áreas entre elas os sectores norte, noroeste, poente e sul, permitindo-nos obter melhor informação no respeitante às suas ocupações humanas mais recuadas. Estas já tinham sido abordadas, dado que os testemunhos mais antigos ali estudados integravam nível arqueológico (C8), onde exumámos cerâmicas que considerámos como pertencentes ao fundo cultural peninsular, de tradição tardo-romana ou visigótico-bizantina, classificadas nos séculos VI-VII, coexistindo com conjunto de peças islâmicas exógenas (Gomes, 1988: 87-100; 1991: 13-39; 1992: 19-32; 2003: 467-506; Vieira Ferreira *et alii*, 2016: 434-443). Trata-se de camada que atribuímos ao início da ocupação muçulmana do arqueossítio, tanto através da sequência estratigráfica identificada como do espólio exumado, e para a qual obtivemos confirmação cronológica através de duas análises de radiocarbono (14C). Estas, após calibração dendrocronológica (a 2 *sigma*) ofereceram intervalos situados entre 670-890 cal. d.C. (Ly-4167) e entre 672-881 cal. d.C. (ICEN -569). Ambas amostras indicam cronologias muito próximas, idênticas em termos estatísticos, correspondendo a pleno século VIII ou aos inícios da centúria seguinte. Como não reconhecemos estruturas que justificassem aquele espólio, encontrado a cerca de 6 m de profundidade em relação ao último nível da ocupação islâmica, considerámos como sendo o resultado de nivelamento que tinha como objectivo regularizar zona de encosta, de modo a criar esplanada que iria permitir alargar a área edificada, aspectos que foram confirmados, graças ao acompanhamento arqueológico mencionado (Gomes, 2003: 489).

Sobre o nível acima referido (C8), reconhecemos camada estéril (C7), sem qualquer tipo de estruturas ou espólio, que reforça a interpretação ligada ao nivelamento. Sobre ela identificámos outro estrato (C6), que integrava sector de muro e de pavimento, junto dos quais recolhemos espólio que atribuímos aos Finais do Emirado Omíada ou aos inícios do Califado (Gomes, 2003: 457-467).

Ulteriormente, ao alargarmos aquela área investi-

gada, reconhecemos parte de compartimento e sectores de outras estruturas, assim como diversificado espólio vítreo, ebúrneo e, em particular, cerâmico que considerámos como sendo do Período Califal (C5) (Gomes, 2003: 431-457). Confirmam esta atribuição cronológica quatro datações radiocarbónicas, obtidas a partir de carvões que, quando calibradas a 2 *sigma*, mostraram intervalos situados entre 1020-1270 cal. d.C. (ICEN-571); 893-1022 cal. d.C. (ICEN-877); 779-971 cal. d.C. (ICEN-672) e 1025-1251 cal. d.C. (ICEN 1185), ou seja estatisticamente situadas no século X, muito embora duas das amostras ofereçam cronologia com distinta amplitude temporal (Gomes, 2003: 443). Este aspecto pode, possivelmente, dever-se ao facto de o espaço ocupado pelo compartimento de onde provém duas das amostras, ter sido reutilizado, até à conquista definitiva da alcáçova pelos cristãos (Gomes, 2003: 108, 109, 346, 413, 431). Análise realizada ao levantamento, em planta e alçados, das muralhas do Castelo permitiu-nos verificar que os panos daquela situados a poente e a sul são quase rectilíneos e perpendiculares entre si, orientados segundo os pontos cardeais, contrastando com os restantes onde se reconhece percurso com acentuadas curvaturas e disposições oblíquas devido, eventualmente, às irregularidades do terreno onde se instalou a alcáçova. É possível que os dois panos de muralha mencionados tivessem integrado, durante o Califado, muralha rectilínea que, apesar das várias campanhas de obras, se manteve graças ao facto de a poente o terreno ser plano (Gomes, 2003: 140-143).

## 2. ENTRE CRISTÃOS E MUÇULMANOS

O mais antigo testemunho arquitectónico que identificámos, por ora, no Castelo de Silves, corresponde aos alicerces de pequeno templo cristão, reconhecido no sector norte, muito destruído devido à sobreposição de construções muçulmanas e assentando directamente no substrato rochoso (Figura 1). Dele subsistiu parte da abside, orientada na direcção de nascente e possuindo planta com forma de arco ultrapassado, assim como troços de paredes, que faziam parte de sector da nave principal e, eventualmente, de uma das duas naves laterais. Não nos foi possível verificar o seu comprimento total. O alicerce da abside, construído com blocos de grés vermelho, ligados com massa de terra e cal, media 3,60 m de diâmetro no exterior, 1,60 m de raio no interior e o vão de entrada 2,16 m de largura. Parte do solo da abside mostrava ainda ter sido revestido com massa de cal e areia. Àquela encontrava-se

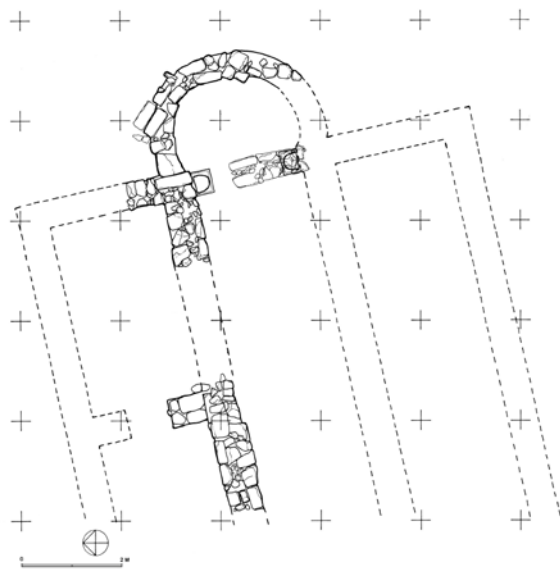


Figura 1 – Castelo de Silves. Planta dos testemunhos de basílica cristã (seg. R.V. Gomes).

associada a porção de muro, construído com blocos de grés vermelho, ligados com massa de terra e cal, que media, pelo menos, 6,40 m de comprimento, encontrando-se destruído na sua zona central, e tendo 0,70 m de largura. Este delimitaria a nave central do templo. Pertenceram ao conjunto edificado restos de sepulturas de inumação, uma delas no seu lado norte, assim como diversos fragmentos de elementos arquitectónicos, dos séculos VI-VII, ali encontrados avulso, tal como outros reutilizados, mais tarde, nos espaços habitacionais islâmicos do Castelo. Entre eles contam-se capitel, fustes de colunas e as suas bases, assim como lajes, tudo produzido, maioritariamente, em mármore e com diferentes dimensões.

No sector norte recuperámos coluna (Q1420/C2-2), de mármore, com fuste cilíndrico que apresenta, em uma das extremidades, canelura disposta verticalmente, talvez para receber cancela, também de pedra. Mede 1,10 m de altura e 0,34 m de diâmetro. No sector nascente exumámos, no pátio que permite aceder ao complexo de banhos do palácio principal daquela alcáçova, capitel (Q143/C2-2), de mármore branco, muito destruído, com forma troncocónica. Apresenta decoração afim do estilo coríntio, constituída por dupla coroa de folhas de acanto e, junto à base, conjunto de quatro folhas, com nervura central, que se prolongam superiormente. O espaço disponível entre aquelas mostra enrolamentos, simétricos, que circundariam outros fitomórficos (Figura 2). Mede 0,32 m de altura, 0,15 m de diâmetro na base e 0,32 m de diâmetro máximo.



Figura 2 – Castelo de Silves. Capitel dos séculos VI-VII (foto J. Gonçalves).

Sector de coluna (Q173/C2-1), de sienito de Monchique, que apresentava primitivamente secção circular, foi adaptado a soleira de porta na área palatina. Mede 0,68 m de comprimento e 0,20 m de diâmetro. No pavimento do pátio interior do denominado “palácio almóada” exumámos vários fragmentos de lajes de mármore, de cor cinzenta, que foram ali reutilizados (Gomes, 2003: 55, fig. 57). No sector noroeste da alcáçova recolhemos, em uma das paredes de área residencial islâmica, base de coluna (Q603/C2-1), de mármore, com corpo de forma cilíndrica, possuindo moldura e base quadrangulares. Mede 0,23 m de altura e 0,40 m de largura máxima na base. Parte de fuste de coluna (Q617/C2-1), também de mármore e com secção semi-circular, mede 1,10 m de altura por 0,34 m de diâmetro e provém do mesmo sector. No sector poente recuperámos dois outros fragmentos de fustes, de coluna e colunelo, ambos de calcário e com forma cilíndrica. Um colunelo (Q1202/C1B-5), oferece remate com gola pronunciada e mede 0,38 m de altura por 0,26 m de diâmetro médio. O outro (Q1213/C1B-1) apresenta 0,14 m de altura e 0,09 m de diâmetro (Figura 3).

No sector noroeste, assente directamente sobre o substrato rochoso, identificámos, a cerca de 30 m para sul da estrutura basilical referida, o mais antigo testemunho arquitectónico muçulmano da área onde se haveria de erguer a alcáçova. Ali reconhecemos dois longos troços de paredes, construídos em taipa militar, perpendiculares entre si, um deles orientado no sentido nascente-poente e o outro, no sentido norte-sul. Estas estruturas mediam respectivamente 13,12 m e 11,20 m de comprimento, 0,70 m de largura média e terão sido propositadamente demolidas até ao nível dos pisos das edificações que integravam a última ocupação islâmica do local (C2). A largura dos muros de taipa referidos indica que poderiam ter tido mais de 4,00 m de altura.

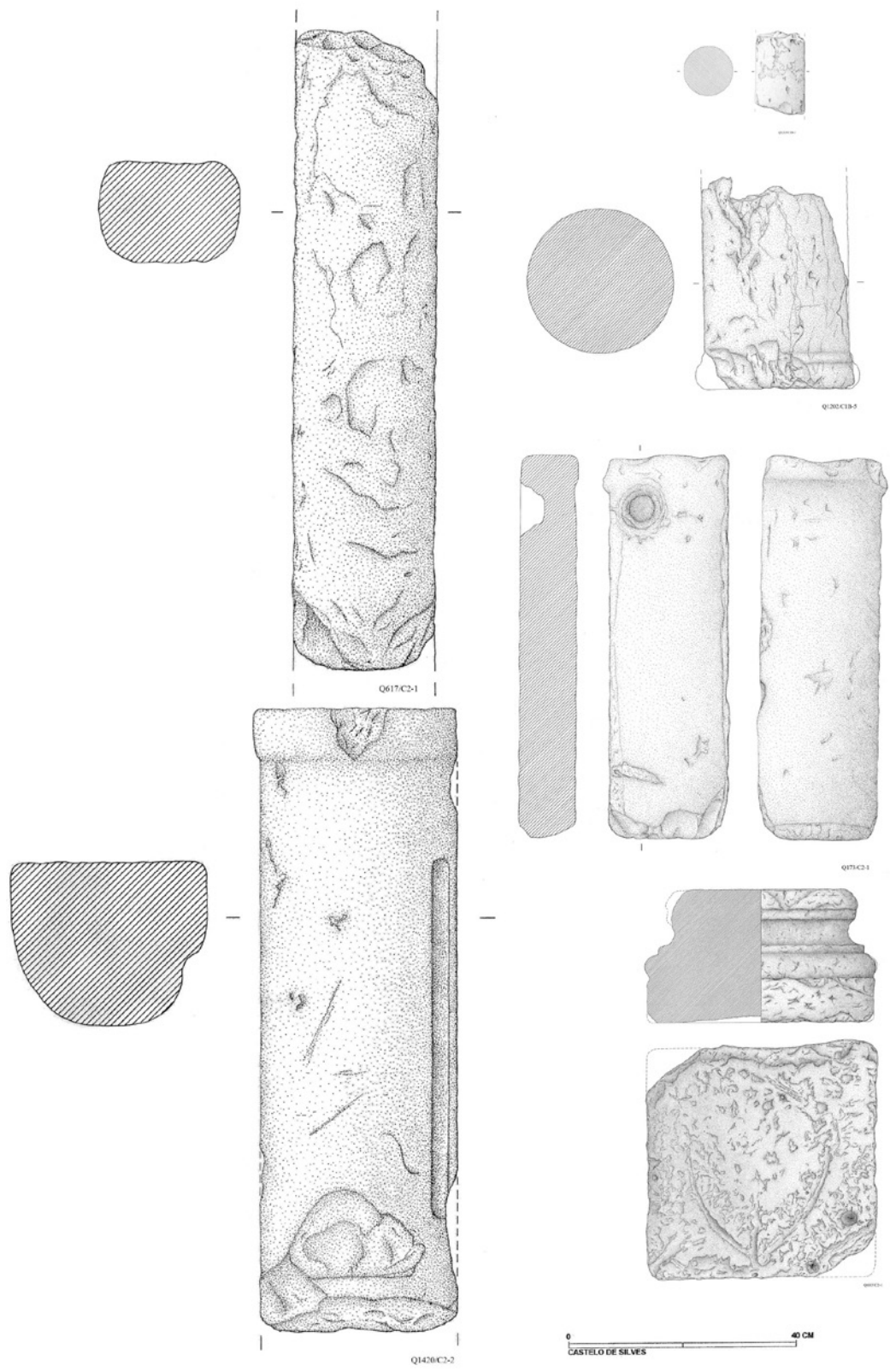


Figura 3 – Castelo de Silves. Elementos arquitetónicos dos séculos VI-VII (des. S. Costa).

Devem associar-se àquela estrutura quatro fortes pilares, oferecendo secção rectangular, orientados, sensivelmente, no sentido dos pontos cardeais, distanciando entre si entre 2,08m e 2,40 m, construídos com blocos de arenito vermelho, bem aparelhados, ligados com massa de terra e cal. O primeiro pilar (Q598), encontrava-se muito destruído, por muro de compartimento (comp. 5) de espaço habitacional islâmico ulterior (Casa C) e mede 0,64 m de largura. O segundo (Qs 583 e 566), mostra largura igual ao anterior e 1,12 m de comprimento. O terceiro (Qs 549 e 550), oferece 0,72 m de largura e 1,04 m de comprimento. Por fim, o último pilar detectado (Qs 515 e 516), possui igualmente 0,64 m de largura e 0,88 m de comprimento. Verifica-se que três deles mostram idêntica largura sendo, apenas, um algo mais largo, mas apresentando menor comprimento.

Trata-se dos restos de edificação, erguida em forte taipa militar, sobre alicerces de pedra, possuindo planta de forma quadrangular. Dela sobreviveram sectores das paredes exteriores, situadas a nascente e a norte, formando canto, assim como as bases dos quatro pilares mencionados, que integravam grande construção com pórtico, rodeando pátio interior, interpretada como palácio-fortificado. Possivelmente possuía, apenas, uma porta de entrada, talvez voltada a sul e poderia ter sido provida de torre ou torres, de que encontramos restos de uma delas, no canto nordeste. A sua destruição deve-se, por certo, à remodelação daquele espaço, e à edificação da alcáçova, ainda durante o Califado.

### 3. DO ASSENTAMENTO EMIRAL AO CALIFAL

O acompanhamento arqueológico que realizámos no sector sul, no âmbito do projecto mencionado, permitiu-nos identificar camada (C6), com cerca de 0,30 m de potência média, mas que foi apenas em parte intervencionada, constituída por terras algo compactas de cor castanha a castanha escura. Integrava estruturas muito fragmentadas, construídas com blocos, bem aparelhados, de arenito vermelho, ligados com massa de terra e cal, das quais, apenas, duas delas poderiam corresponder a canto de compartimento, medindo respectivamente 1,04 m e 0,80 m de comprimento. A sul desta estrutura encontramos outra pertencente a pavimento algo irregular, medindo 3,00 m de comprimento por 2,30 m de largura e orientada, segundo o seu eixo maior, no sentido noroeste-sudeste, sobre a qual recolhemos diversificado espólio. Entre este conta-se: tabuleiro de jogo (Q1532/C6-1), de

arenito vermelho, com duas cartelas, rectangulares e concêntricas, gravadas por abrasão medindo 0,33 m de comprimento, 0,25 m de largura e 0,14 m de espessura; fragmento de espátula (Q1665/C6-20), em liga de cobre, com forma trapezoidal e secção rectangular, oferecendo 0,34 m de comprimento, 0,01 m de diâmetro máximo e 0,002 m de espessura; fragmento de marca de jogo (Q1699/C6-1), de osso, com forma paralelepipedica, medindo 0,11 m de comprimento e 0,012m de lado. A cerâmica constituía o espólio mais numeroso, tendo sido recolhida em duas quadrículas contíguas (Qs1665 e 1666). Como os exemplares de ambas colavam entre si, efectuámos o seu estudo em conjunto, como se de uma mesma unidade se tratasse, totalizando 3186 fragmentos. Dos fragmentos exumados 9,32% foram fabricados com pastas de cores claras e 90,68% com pastas de cores vermelhas. As superfícies são da mesma cor do núcleo ou de cor algo mais escura. Nos exemplares que apresentam pastas de cores claras, 0,37% mostram as superfícies esmaltadas de cor branca, tendo decoração nas cores verde e castanha escura ou só desta última cor, possuindo 0,3% as superfícies vidradas. Na totalidade dos fragmentos recolhidos, 27,31% pertenceram a loiça de mesa, com as seguintes formas: taças, copo, bule, jarros ou jarras, lavabo e púcaros; 19,71% correspondem a loiça de cozinha, que incluem alguidares, frigideiras, panelas e testo; 24,26% integram loiça de armazenamento (cântaros, cantil, pote, bilha e talhas); os contentores de fogo 0,16% circunscrevem-se, apenas, a lucernas; 0,78% inclui a denominada cerâmica industrial, como alcatruz e caldeiras de alambique; não tendo permitido identificação formal 27,78% dos fragmentos. Na cerâmica de mesa os púcaros constituem a forma mais numerosa, na de cozinha as panelas apresentam a percentagem mais elevada, enquanto na de armazenamento os cântaros são em maior número e na industrial predominam os alcatruzes.

Os fragmentos que apresentam as superfícies esmaltadas correspondem a taças (Figura 4). Estas foram fabricadas com pastas de cor rosada ou bege amarelada, bem depuradas, contendo elementos não plásticos, de grão finíssimo a fino. As superfícies mostram esmalte, muito ou pouco aderente, de cor branca ou bege clara, quase branca. Possuem forma hemisférica achatada e assentam em fundo plano ou em pé, baixo, anelar. Os bordos são ligeiramente espessados e algo extrovertidos ou, apenas, extrovertidos. Oferecem decoração pintada, na superfície interior, de cor castanha escura ou na cor verde, constituída por motivo geométrico (Q1666/C6-9); epigráfico (Q1665/C6-13) ou

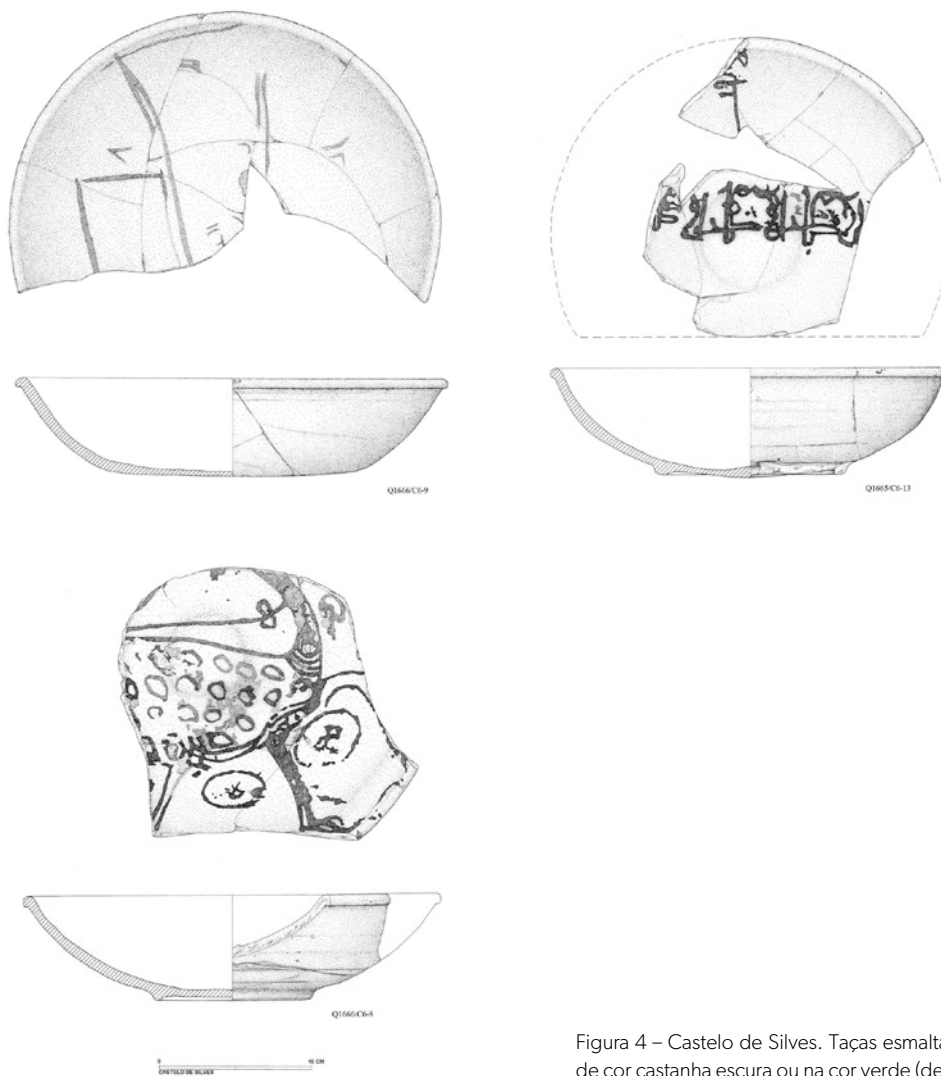


Figura 4 – Castelo de Silves. Taças esmaltadas, com decoração de cor castanha escura ou na cor verde (des. S. Costa).

zoomórfico (Q1666/C6-8). Este último representa possível gazela, de pé e de perfil, contendo parte do pescoço, alongado e ligeiramente curvado para trás, e do corpo do animal, preenchido com círculos irregulares, de cor castanha escura, sendo a restante superfície de cor verde. Em torno da figura mencionada foram pintados círculos, irregulares, preenchidos por pseudo-asteriscos de pequenas dimensões. Ligado ao pescoço teria cordão ou, eventualmente, motivo fitomórfico.

Os púcaros foram fabricados com pastas cor-de-laranja ou de cor vermelha, contendo elementos não plásticos de grão fino e, alguns, de grão médio. Ambas superfícies ou, apenas, a interior oferecem a mesma cor do núcleo ou à exterior foi aplicada aguada de cor vermelha acastanhada. Todos os exemplares mostram bordo, com lábio de secção semicircular, podendo ser

demarcado, exteriormente, por incisão. Identificámos duas formas distintas. Uma delas apresenta corpo vertical, assente em fundo plano ou ligeiramente convexo, e possuindo duas asas, opostas, com perfil semicircular e secção oval ou subtriangular, encontrando-se a extremidade superior fixada ao bordo e a inferior ao fundo. A superfície exterior oferece decoração pintada, de cor branca, constituída por três linhas, horizontais, duas das quais delimitam cartela preenchida por três e quatro (Q1665/C6-4) ou cinco e sete (Q1665/C6-11) segmentos de recta, paralelos, dispostos obliquamente e formando ziguezague que preenchem todo o corpo da peça. A outra forma (Q1665/C6-5) mostra gargalo alto e vertical, corpo cilíndrico e duas carenas, uma no início do corpo e outra antecedendo o fundo, possuindo duas asas opostas, de que subsis-

tem as marcas sobre o bordo e o arranque das extremidades inferiores junto ao fundo. Oferece decoração pintada, de cor branca, constituída, no gargalo, por três linhas, horizontais, duas delas delimitando cartela contendo motivo ondulado ladeado por pontos. Na separação entre o gargalo e o corpo, foi pintada linha e, sob ela, séries de três a quatro traços, paralelos entre si, dispostos obliquamente, formando zigzag e preenchendo todo o corpo do recipiente.

Os jarros foram produzidos com pastas de cor vermelha ou cor-de-laranja, contendo elementos, não plásticos, de grão fino a médio. As superfícies interiores apresentam a mesma cor da pasta, enquanto às exteriores foi aplicada aguada de tom algo mais claro que o daquela ou de cor castanha escura a negra. Mostram corpo, de forma globular achatada, assente em fundo plano. O gargalo é alto, vertical, e o bordo possui lábio de secção semicircular, podendo ser demarcado, exteriormente, através de incisão. Eram providos de asa, de que subsiste uma, com perfil semicircular e secção oval, sendo a extremidade superior fixada sobre o bordo e a inferior em zona mesial do corpo. A superfície exterior oferece decoração pintada de cor branca, constituída por três linhas, horizontais, no gargalo, duas delas delimitando cartela no interior da qual foram representados semicírculos, com ponto central, mostrando entre eles grupos de traços verticais (Q1666/C6-14). Ornamentação similar foi, também, pintada entre o início do corpo e a sua zona mesial. Outro dos jarros (Q1665/C6-23) contém linha horizontal pintada sobre o bordo e, entre o gargalo e a zona mesial do corpo, três linhas digitadas dispostas verticalmente.

Um bule (Q1665/C6-21) foi fabricado com pasta cor-de-laranja, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo a fino. Às superfícies foi aplicada aguada de cor algo mais clara que a da cor da pasta. Mostra corpo globular achatado, gargalo alto, com bordo vertical e lábio de secção semicircular. Sob o bordo e no início do corpo, apresenta pequeno bico, de forma cilíndrica, e teria tido, no lado oposto, asa. Assenta em fundo plano. A superfície exterior oferece decoração pintada, de cor branca, constituída por duas linhas, horizontais, sobre e sob o bordo, assim como oferece faixa reticulada, no início do corpo, executada com traços finos e delimitada por quatro linhas, horizontais, dispostas duas de cada lado.

Jarra (Q1665/C6-16), quase completa, foi produzida com pasta cor-de-laranja, contendo elementos, não plásticos, de grão fino a médio. A superfície interior é da cor da pasta, enquanto à exterior foi aplicada aguada de cor vermelha. O corpo, de forma globular

algo achatada, assenta em fundo ligeiramente convexo. Possui gargalo alto subcilíndrico e o bordo é vertical, com lábio de secção semicircular. Apresenta duas asas, opostas, verticais, ligeiramente sobrelevadas, com secção subtriangular, que ligam o gargalo a zona do volume mesial do corpo. A superfície exterior oferece decoração pintada, de cor branca, constituída por três linhas, horizontais; uma sobre o bordo, outra a meio do gargalo e a terceira na ligação entre este e o corpo. Mostra, no corpo, três linhas horizontais, duas delas delimitando cartela, preenchida com reticulado, antecedendo a extremidade inferior da asa.

Um testo (Q1666/C6-11), quase completo, foi fabricado com pasta de cor vermelha acastanhada, contendo elementos, não plásticos, de grão fino a médio. As superfícies apresentam cor algo mais escura que a cor do núcleo. Oferece corpo de forma troncocónica, assente em base plana, com pega em botão, de forma troncocilíndrica. O bordo, ligeiramente espessado no interior, mostra lábio de secção semicircular.

Alguidar (Q1666/C6-17) oferece pasta de cor vermelha, contendo elementos, não plásticos, de grão fino. Ambas superfícies mostram cor algo mais escura que a da pasta. O corpo apresenta forma troncocónica e o bordo, extrovertido, possui lábio de secção semicircular. O fundo era algo convexo. A superfície interior encontra-se brunida e a exterior apenas ligeiramente afagada, notando-se caneluras deixadas pelos dedos do oleiro, durante a montagem ao torno (Figura 5).

As frigideiras (Q1665/C6-6; Q1665/C6-1), quase completas, foram fabricadas com pastas de cor vermelha, contendo elementos, não plásticos, de grão fino a médio. Ambas superfícies apresentam cor um pouco mais escura que a da pasta. Mostram corpo de forma hemisférica achatada e assentam em fundos planos ou algo convexos. O bordo, em um dos exemplares é ligeiramente espessado no interior e ambos possuem lábio de secção semicircular.

As panelas mostram pastas de cor vermelha ou cor-de-laranja, contendo elementos, não plásticos, de grão fino a médio. As superfícies apresentam cor algo mais escura que a cor da pasta, enquanto boa parte das exteriores, devido a intensa utilização ao fogo, possuem cor castanha escura a negra. Exibem corpo de forma globular achatada e assentam em fundos planos ou algo convexos. Os bordos são altos e verticais ou algo inclinados a ligeiramente espessados exteriormente, possuindo lábios de secção semicircular. São providas de uma ou duas asas, ligeiramente sobrelevadas, de secção oval, com a extremidade superior fixada sobre o bordo e a inferior em zona mesial do

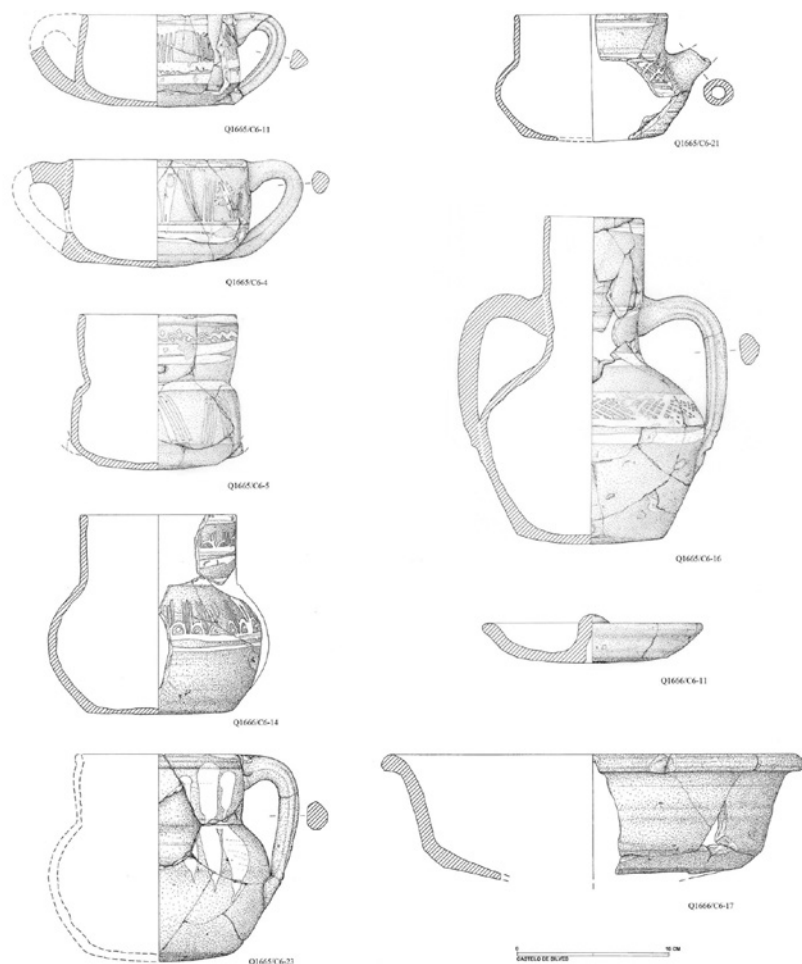


Figura 5 – Castelo de Silves. Púcaros, jarros, bule, jarra, testo e alguidar (des. S. Costa).

corpo. Dois exemplares (Q1666/C6-7; Q1665/C6-8) oferecem linha incisa na separação entre o bordo e o corpo, enquanto outro possui linhas incisadas horizontais no início do corpo (Q1666/C6-3) (Figura 6).

Os cântaros foram montados com pastas cor-de-laranja, contendo elementos, não plásticos, de grão fino a médio. As superfícies interiores mostram cor algo mais escura que a cor da pasta, enquanto às exteriores foi aplicada aguada, de cor castanha escura a negra, de cor castanha avermelhada ou de cor cinzenta clara. Encontrámos, apenas, um exemplar quase completo, apresentando corpo globular alongado, assente em fundo ligeiramente convexo, assim como boa parte de outro que possui corpo de forma ovoide achatada. Os gargalos são altos e subcilíndricos e os bordos, espessados exteriormente ou extrovertidos, com lábio de secção semicircular ou em bisel. As asas são ligeiramente sobrelevadas, de secção côncava-convexa ou plano-côncava, sendo em dois dos

exemplares opostas, ligando zona mesial do gargalo com o corpo. Exemplar pouco comum (Q1665/C6-25) apresenta três asas, duas opostas entre si e uma outra oposta a bico vertedor, de forma cilíndrica. Estas asas têm a extremidade superior fixada a zona mesial do gargalo e a inferior ao início do volume do corpo. Um dos fragmentos (Q1666/C6-12) mostra decoração pintada, de cor branca, constituída por conjunto de três linhas, dispostas verticalmente no início do corpo. Outro (Q1665/C6-10) oferece decoração pintada, de cor vermelha, formada por grupo de duas linhas sobre o gargalo, uma outra na ligação deste com o corpo, reconhecendo-se pseudoasteriscos, constituídos por linhas em ziguezague, ladeadas por pontos. A zona mesial do corpo possui cartela pintada, naquela mesma cor, delimitada por duas linhas horizontais, preenchida por séries de triângulos. Sobre a asa foi, também, pintada linha que se prolonga no corpo (Figura 7).

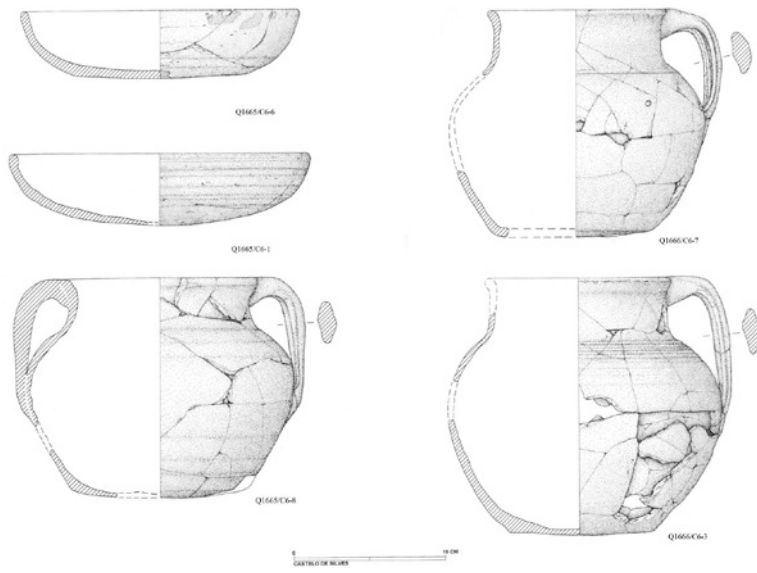


Figura 6 – Castelo de Silves. Frigideiras e panelas (des. S. Costa).

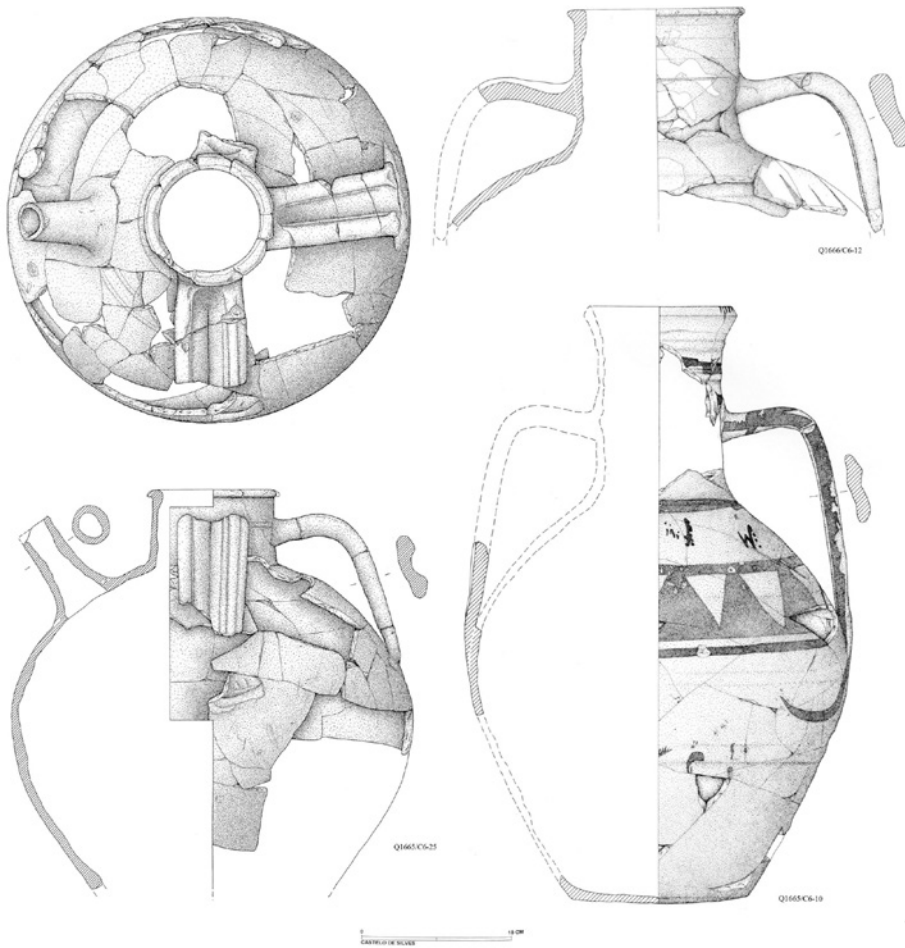


Figura 7 – Castelo de Silves. Cântaros (des. S. Costa).

As lucernas (Q1666/C6-2; Q1666/C6-16; Q1666/C6-1) apresentam pastas cor-de-laranja, contendo elementos, não plásticos, de grão fino ou de grão fino a médio. Ambas superfícies possuem cor algo mais escura que a cor da pasta. Os bicos têm manchas de cor cinzenta escura a negra, devido a intensa utilização. Mostram bordo sub-vertical, com lábio de secção semicircular, bico longo e largo, na ligação com o reservatório. Este, tem forma esférica, muito achatada, com maior ou menor altura e rebordo a meio. As asas existentes apenas em dois exemplares, apresentam secção oval, com a extremidade superior fixada ao gargalo e a inferior ao reservatório (Figura 8).

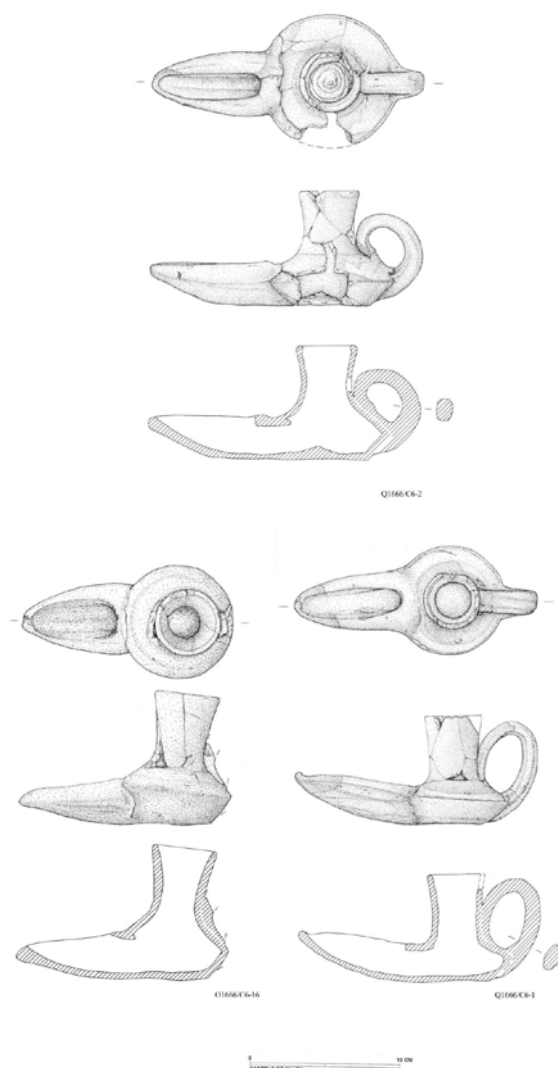


Figura 8 – Castelo de Silves. Lucernas (des. S. Costa).

Duas raras caldeiras de alambique (Q1665/C6-9; Q1666/C6-5) oferecem pasta compacta, de cor bege, contendo elementos, não plásticos, de grão fino a médio. Ambas superfícies apresentam vidro, aderente e brilhante, de cor castanha esverdeada. Oferecem corpo cilíndrico, bordo alto, em aba, com lábio de secção semicircular ou algo biselado e assentam em fundo sub-hemisférico (Figura 9).

A sequência estratigráfica reconhecida, assim como o espólio referido, permitiu-nos atribuir esta camada aos séculos IX-X, o que foi confirmado através de datação radiocarbónica que, após correcção dendrocronológica, ofereceu intervalo entre 810-900 cal d.C. e 920-950 cal d.C. para 1 *sigma* e 770-980 cal d.C. para 2 *sigma* (Beta 245295).

Sobre a camada 6 identificámos outra (C5), no espaço limitado a sul pela muralha do Castelo e a poente pela entrada no interior daquele recinto, correspondendo a sector de forte muro edificado com blocos, bem aparelhados de arenito vermelho, dispostos obliquamente (*opus spicatum*), ligados com argamassa de cal e areia, orientado no sentido norte-sul, medindo 9,40 m de comprimento e 1,12 m de largura média. No lado poente desta estrutura reconhecemos construção, com planta de forma rectangular, medindo 3,20 m de comprimento e, apenas, 1,60 m de largura visível, dado que não pudemos avançar para poente onde se encontra a recepção do Castelo, podendo ter integrado possível contraforte ou torre adossada. Verificámos que, na extremidade norte do forte muro referido, foi anexada outra estrutura que inflecte para nascente, prolongando-se por uma extensão de cerca de 8,40 m e oferecendo 0,88 m de largura (dois cúbitos). O aparelho da primeira estrutura mencionada é similar a outra identificada no compartimento que intervencionámos na camada 5 da zona nascente deste mesmo arqueossítio e que, pela sucessão estratigráfica reconhecida, deve ser seu contemporâneo (Gomes, 2003: 431,433). Aquela construção pode ter pertencido, dada a largura, a sector de dispositivo defensivo edificado no século X ou a forte estrutura de suporte de terras usadas em colmatar as diferenças de cotas do cerro onde hoje se ergue o Castelo, ampliando uma vez mais o recinto fortificado. O espólio que exumámos encontrava-se muito fragmentado. Como não nos foi possível prosseguir com a intervenção arqueológica, em área no sector sul, a interpretação dos elementos arquitectónicos identificados postos à vista é muito limitada.

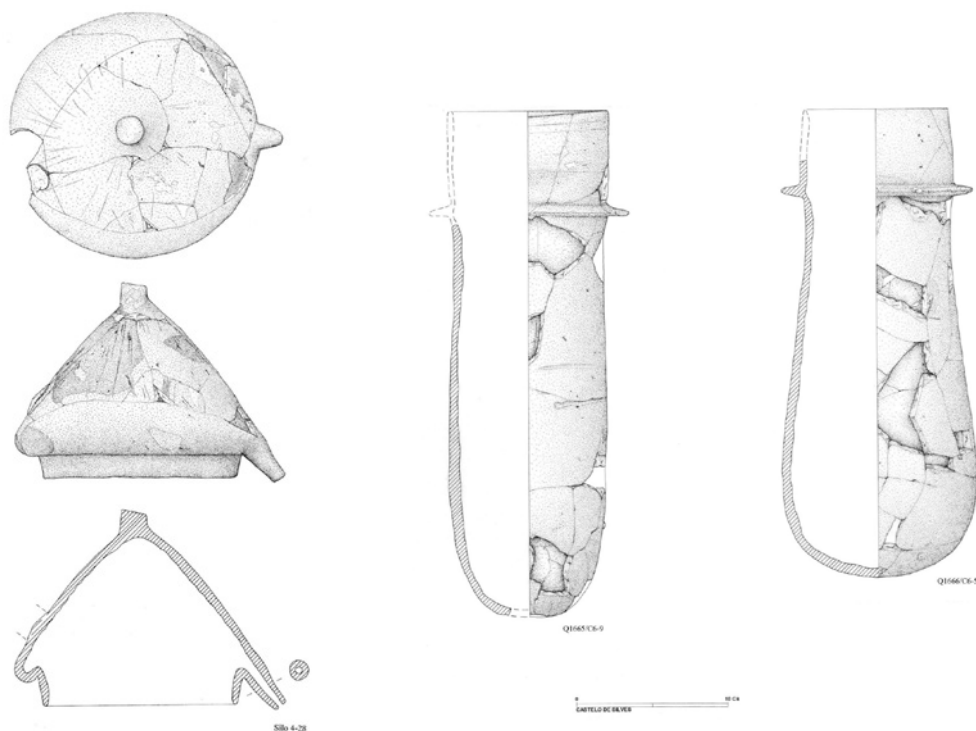


Figura 9 – Castelo de Silves. Condensador e caldeiras de alambique (des. S. Costa).

#### 4. INTEGRAÇÃO CULTURAL

Os restos de estrutura basilical que identificámos no sector norte do Castelo de Silves, apesar da sucessiva reutilização do local, permitiram reconhecer a abside em forma de arco ultrapassado e sector da nave central, testemunhos que correspondem a templo de modelo singelo, com afinidades em exemplares, com cronologias entre os séculos VI até ao VIII. Entre eles contam-se o de Valdecebadar de Olivença (Badajoz), com abside do mesmo tipo, ou o de El Gatillo de Arriba (Mataplana, Cáceres), no que respeita às suas fases mais antigas de edificação (Caballero Zoreda e Sáez Lara, 2006; Godoy Fernández, 1995: 303-305, 318-321). No Norte Peninsular encontramos paralelos na igreja de Marialba de la Ribera, em León, cuja primeira etapa de construção foi atribuída aos finais do século IV e inícios do século V, sendo o baptistério considerado do século VII, muito embora tendo pervivido, com distintas alterações, durante boa parte da Idade Média (Martínez Peñin, 2010: 72-73, 225-241, fig. 237). Também a igreja de Santa Maria de Mijangos (Burgos) consagrada, segundo epígrafe fundacional, entre 591 e 602, apresenta longa planta rectangular, abside com

planta em forma de arco ultrapassado e três naves (Quirós Castillo, 2010: 252-254, 261). Edifício com características similares ao cujos restos pusemos à vista no Castelo de Silves, foi encontrado, muito destruído, devido, de igual modo, a ulterior ocupação islâmica, em Monastil, no Sudeste Peninsular. Trata-se de testemunho de estrutura basilical, cuja primeira fase de construção foi atribuída aos séculos IV e V, tendo abside, de planta semicircular, construída a partir do século VI (Vizcaíno Sánchez, 2009: 463-465). Estrutura basilical, com abside semicircular foi reconhecida no Tolmo de Minateda (Albacete), atribuída aos séculos VI-VII, ulteriormente adaptada (século VIII) a espaços residenciais muçulmanos (Vizcaíno Sánchez, 2009: 454, 455). A designada Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo (Mértola) oferecia três naves, sete tramos separados por colunas, e abside, com planta de forma semicircular, podendo ter tido outra oposta e sendo utilizada desde os séculos V-VI até ao século VIII (Lopes, 2003: 146, 147). O fragmento de capitel que encontramos no Castelo de Silves, anteriormente mencionado, que se pode associar ao templo cristão, oferece folhas junto à base, similares às existentes em capitéis, de mármore, de Alcácer do Sal e atribuídos aos séculos VII-VIII

(Limão, 2007: 97). No entanto, no exemplar silvense as folhas além de estarem invertidas encontram-se melhor delineadas, podendo ser algo mais antigo. Muito embora os restantes elementos construtivos, dos séculos VI-VII, identificados no Castelo de Silves e que devem provir do seu primitivo templo cristão, não sejam muito numerosos, dado terem sido reutilizados em distintas construções, são idênticos a muitos outros existentes em edificações congêneres, reconhecidas não só no actual território português, mas, de igual modo, em outras regiões da Península Ibérica. A informação disponível permite-nos considerar que a pequena estrutura basilical do Castelo de Silves corresponde a construção dos séculos VI-VIII.

O mais antigo palácio islâmico que referimos, anterior à edificação da alcáçova, seria similar a construções que têm vindo a ser identificadas na região oriental da Jordânia, com planta subquadrangular, possuindo uma única porta de entrada e pátio interior em torno do qual se desenvolvem compartimentos (Helms, 1990: 95). Podemos mencionar, entre outros, o palácio-fortaleza de Qasr al-Sawab, medindo 51 m de lado, Qusayr 'Amra e a estrutura C reconhecida em ar-Risha, ambos com 32 m de lado, atribuídos aos séculos VII-VIII (Helms, 1990: 92-95). O complexo de Qusayr 'Amra é mais conhecido pelas pinturas existentes, em particular, no *hamman* e no palácio, mas devemos assinalar que se trata de obra de Wali I (705-715), no poder durante a conquista da Península Ibérica. Este califa mandou representar no salão principal daquele palácio os reis que venceu e, entre eles, o rei visigodo Rodrigo, cujo nome foi escrito, em grego, em uma das paredes (Almagro *et alii*, 1975: 9).

Apesar, uma vez mais, dos escassos testemunhos conservados, pensamos que a construção cujos testemunhos exumámos no Castelo de Silves, reflecte clara influência oriental, que tentou reproduzir, em território recentemente ocupado por comunidade muçulmana (713), os palácios fortificados omíadas, erguidos nos inícios do século VIII, tanto na Síria como na Jordânia, mas denunciando influências da arquitectura militar bizantina.

Será contemporâneo do palácio fortificado silvense o conjunto de cerâmicas, anteriormente referidas e procedentes de nível arqueológico datado nos séculos VIII-IX, como capitel encontrado no exterior do denominado "palácio almóada" do Castelo de Silves, assente em elegante coluna, ambos de mármore. A morfologia, temática e técnica decorativa, empregues no capitel mencionado, permitem relacioná-lo com os primeiros tempos da islamização do Algarve, dado ter

estreitos paralelos em exemplares existentes na Grande Mesquita Omíada de Damasco, mandada construir por Walid I e que constitui importante referência na arquitectura islâmica (Stierlin, 1997: 53). Aqueles encontram-se, tanto no interior como sob capela octogonal, designada por "pequeno tesouro" e assentam em colunas mais antigas que ali foram reutilizadas. É possível que, devido à proveniência oriental do capitel omíada de Silves e às ligações com a origem da própria religião muçulmana, aquele tenha sido considerado como rara relíquia e ali exposto mantendo-se visível até à conquista cristã definitiva da cidade, em 1248.

A área investigada no sector sul era, conforme referimos, muito reduzida, mas ali identificámos estruturas, bastante fragmentadas, que integravam a camada 6 deste arqueossítio e, em particular, importante conjunto de cerâmicas cujas formas e tratamento das superfícies são similares a outras exumadas no sector nascente (Gomes, 2003: 457-467). Trata-se de exemplares que sugerem dar continuidade às produções omíadas deste mesmo local, nomeadamente no que respeita às formas e temáticas decorativas de púcaros, painéis, lucernas, cântaros e alguidar (Gomes, 2003: 469-506). Estas, registam-se, também, na área urbana de Silves, com cronologias baseadas na dinâmica de ocupação daqueles arqueossítios, como na sua evolução morfoestilística e decorativa, sendo confirmadas, de igual modo, por datações radiocarbónicas (Gomes, 1995: 25-30). Entre os exemplares anteriormente descritos existe taça esmaltada (Q1665/C6-13) oferecendo, no interior, epígrafe, em cúfico hispânico que repete por três vezes a palavra *baraka*. Segundo informação transmitida pela epigrafista Carmen Barceló Torres (Universidade de Valência), a quem muito agradecemos, este tipo de epígrafe corresponde ao reinado de al-Hakam II (961 a 976) (Ocaña Jiménez, 1970: est. XVIII). *Baraka*, ou bênção, designa o dom ou os benefícios transmitidos, apenas, pelo Criador (Chebel, 2001: 67). Trata-se de palavra, com origem pré-islâmica, que pode associar-se a certos objectos "dotados de *baraka*", quando neles estão impressos símbolos de carácter profiláctico e apotropaico (Ferreira, 2012: 202). No caso da epígrafe registada no interior de taça do Castelo de Silves, a repetição por três vezes daquela palavra, indica o carácter maléfico da terceira. No mundo islâmico o número dois simboliza a dualidade divina de Alá e do seu Profeta, deixando a função subversiva ao número seguinte, o três (Chebel, 2001: 135, 426). Neste caso a epígrafe referida poderia representar a dualidade entre o Bem e o Mal.

As caldeiras de alambique encaixavam numa ou-

tra peça, o condensador, sendo o conjunto utilizado na destilação de perfumes ou essências e de alcoóis com fins medicinais ou na cosmética. Segundo *Ibn Al-'Awwâm* o alambique deve ser preferencialmente de cerâmica vidrada, não devendo ser colocado directamente sobre o fogo, e utilizava-se para a destilação de diferentes aromas (Clément-Muller, 2000: 807, 808). Poderia ter pertencido a este conjunto, condensador de alambique (Silo 4-28) encontrado, descartado, no interior de silo identificado no sector noroeste do Castelo de Silves, cujo diâmetro permitia adaptar-se a uma destas caldeiras de alambique.

O dispositivo defensivo que integrava a camada 5 (C5), apresenta largura aproximadamente de dois côvados e meio, dado que o côvado comum árabe teria 0,461 m, podendo relacionar-se com as campanhas de obras conducentes à ampliação da área fortificada (Jomard, 1822: 671).

## 5. SÍNTESE

Os mais antigos testemunhos arqueológicos identificados na alcáçova de Silves pertencem a estrutura basilical a que se seguiu, posteriormente, palácio fortificado edificados no ponto mais alto do cerro onde ainda se ergue aquela cidade, assentando ambos no substrato rochoso. Constituem, por ora, as únicas evidências arquitectónicas que denunciam a presença tanto de antiga comunidade cristã, como dos mais recuados testemunhos muçulmanos no interior do Castelo.

Os poucos elementos disponíveis permitem datar a pequena basílica nos séculos VI-VIII, podendo ser considerado um dos mais antigos edifícios cristãos, por ora reconhecido no Algarve. A coexistência ideológica, entre cristãos e muçulmanos, acha-se documentada através da presença daquelas duas edificações no Castelo de Silves. Assim, encontravam-se unidos pela proximidade física, o testemunho da religiosidade das comunidades tradicionais autóctones e do recente poder instituído representando, ao que julgamos, relacionamento pacífico. A implantação de ambas estruturas permite, também, reconhecer que o cerro onde hoje se ergue o Castelo de Silves, teria destacada importância topográfica e simbólica, embora configuração algo diferente da actual, nomeadamente acentuadas diferenças de cotas que em tempos subsequentes foram anuladas através de aterros. De facto, entre a estrutura basilical e o palácio mencionados existe diferença de cota com apenas cerca de 1,50 m. A destruição daquelas edificações poderá ter ocorrido a quando das grandes obras efectuadas, nos

finais do século IX ou nos inícios da centúria seguinte, tendo em vista alargar a plataforma onde hoje se ergue a alcáçova, construindo-se então grande parte da muralha que subsiste voltada a poente e área palatina. Naquele momento terá sido demolido o pequeno templo cristão e os seus materiais construtivos reutilizados em edificações ali erguidas. Posteriormente, terão sido construídos espaços habitacionais no sector sul a que sucedeu, já nos inícios do século X o ampliar da plataforma onde se ergue a alcáçova, tendo em vista a construção de novo dispositivo defensivo, assim como distintas edificações de que subsistem sectores de compartimentos e diverso espólio.

O Castelo de Silves, como enorme palimpsesto, de restos de edificações e de espólios que traduzem comportamentos sociais, contribui para, entre outros importantes aspectos, o conhecimento entre o mundo da Antiguidade Tardia e os primeiros tempos da islamização (Figura 10). As sucessivas transformações ocorridas no interior daquele espaço não deixaram de dar origem ao magnífico monumento que hoje podemos usufruir.

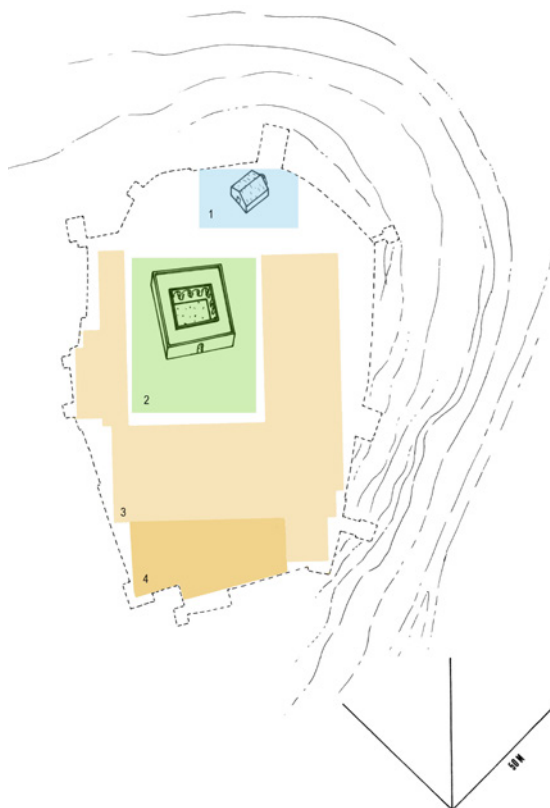


Figura 10 – Castelo de Silves. espacial: 1 – Séculos VI-VII; 2 – Séculos VIII-IX; 3 – Séculos IX-X; 4 – Século X.

## BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO, Martín; CABALLERO, Luis; ZOZAYA, Juan; ALMAGRO, António (2002) – *Qusayr'Amra. Residencia y Baños Omeyas en el Deserto de Jordania*. Granada: Fundación El Legado Andalusi.

CABALLERO ZOREDA, Luis; SÁEZ LARA, Fernando (2006) – La iglesia de El Gatillo de Arriba (Cáceres). Apuntes sobre una iglesia rural en los siglos VI al VIII, *El Siglo VII Frente al Siglo VII (Visigodos y Omeyas)*. Madrid: CSIC, pp. 155-184.

CHEBEL, Malek (2001) – *Dictionnaire des Symboles Musulmans*. Paris: Ed. Albin Michel.

CLÉMENT-MULLET, Jean Jacques (2000) – *Ibn Al-'Awwâm, Le Livre de l'Agriculture*. Arles: Thesaurus, Actes Sud/Sindbad.

FERREIRA, Cláudia Falluh Balduino (2012) – A expressão positiva do Sagrado, ou baraka, no romance árabe *La Nuit de l'Erreur*. *IPOTESI*. Juiz de Fora: vol. 16, nº 2, pp. 201-213.

FERREIRA, Luís Filipe Vieira; GOMES, Rosa Varela; PEREIRA, Manuel Francisco Costa; SANTOS, Luís; MACHADO, Isabel Ferreira (2016) – Islamic ceramics found in Portugal at Silves Castle (8<sup>th</sup> to 13<sup>th</sup> c.): An archaeometric characterization, *Journal of Archaeological Science: Reports*, vol. 8, pp. 434-443.

GODOY FERNÁNDEZ, Cristina (1995) – *Arqueologia y Liturgia. Iglesias Hispánicas (siglos IV al VIII)*. Barcelona: Universitat de Barcelona.

GOMES, Rosa Varela (1988) – Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves, *Xelb I*. Silves: Câmara Municipal de Silves.

GOMES, Rosa Varela (1991) – Cerâmicas muçulmanas, orientais e orientalizantes do Castelo de Silves (peças esmaltadas policromas e de reflexo metálico). *Estudos Orientais II*. Lisboa: Instituto Oriental, pp. 13-39.

GOMES, Rosa Varela (1995) – Cerâmicas muçulmanas, de Silves, dos séculos VIII e IX. *1<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 19-32.

GOMES, Rosa Varela (2003) – Silves (Xelb) – Uma Cidade do Gharb al-Andalus. A Alcáçova. *Trabalhos de Arqueologia*, nº 35. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

GOMES, Rosa Varela (2011) – O Castelo de Silves – Do templo cristão à mais antiga fortificação islâmica, *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 9-16.

HELMS, Svend (1990) – *Early Islamic Architecture of the Desert. A Bedouin Station in Eastern Jordan*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

JOMARD, Edme François (1822) – Mémoire sur le système métrique des Anciens Egyptiens, contenant des recherches sur leurs connoissances géométriques et sur les mesures des Autres

Peuples de l'Antiquité, *Description de l'Egypte*. Paris: Imprimerie Royale, pp. 496-802.

LIMÃO, Filomena Maria Lopes Coelho (2007) – *Espaço, Forma e Iconografia: Os Capitéis da Antiguidade Tardia em Portugal, a Sul do Tejo (grupos episcopais pacense e eborense)*, vol. I, Dissertação final de Mestrado em História da Arte, Faculdade de

Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (texto policopiado).

LOPES, Virgílio (2003) – *Mértola na Antiguidade Tardia – A Topografia Histórica da Cidade e do seu Território nos Alvores do Cristianismo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

MARTÍNEZ PEÑIN, Raquel (2010) – La Cerámica en la Ciudad de León y su Alfoz (siglos X-XV). Estudio Arqueológico y Documental. Tese de Doutoramento em História, Universidade de León.


OCAÑA JIMÉNEZ, Manuel (1970) – *El Cúfico Hispano y su Evolución*. Madrid: Instituto Hispano-Arabe de Cultura.

QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio (2010) – Arqueologia funerária y arqueologia de la arquitectura de época medieval, *Arqueologia III. Arqueologia Medieval y Postmedieval*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, pp. 215-287.

STIERLIN, Henri (1997) – *Islão, de Bagdade a Córdoba. A Arquitectura Primitiva do Século VII ao Século XIII*. Lisboa: Taschen.

VIZCAÍNO SÁNCHEZ, Jaime (2009) – *La Presencia Bizantina en Hispania (siglos VI-VII). La Documentación Arqueológica, Antigüedad y Cristianismo*, Monografías Históricas sobre la Antigüedad Tardía, vol. XXIV: Murcia: Universidad de Murcia.





ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2022

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)